

**UNIVERSIDADE BRASIL
CURSO DE PEDAGOGIA**

BEATRIZ PEREIRA DE OLIVEIRA

ILMA TEIXEIRA DA SILVA

O PROCESSO DE ALFABETIZAR LETRANDO

São Paulo
2017

O PROCESSO DE ALFABETIZAR LETRANDO

Beatriz Pereira de Oliveira¹

Ilma Teixeira da Silva²

Curso de Graduação em Pedagogia

Orientador: Prof. Ms. Juliana de Castro Moreira da Silva

São Paulo
2017

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia na Universidade Brasil

² Graduanda do Curso de Pedagogia na Universidade Brasil

RESUMO

Este trabalho informa como o processo de alfabetizar letrando é significativo e assume a condição para aquele que aprende a ler e escrever, visa-se nesse conceito que a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, e linguísticas, em outras palavras do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever, alfabetiza-se deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado adquirir a tecnologia do ler e escrever envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita tem consequências sobre o indivíduo a cultura seu estado ou condição, a metodologia de alfabetização precisa estar relacionada do aluno que convive em busca de conhecimentos que ele traz da vida familiar e o meio social; a criança ela aprende conforme está relacionada sua relação no ambiente entre a fala, conversas atividades para o seu processo de desenvolvimento que se voltam para o número de crianças que a escola consegue levar à aprendizagem, nas series iniciais são pesquisas sobre a alfabetização as pesquisas que busca identificar os usos e práticas iniciais da leitura e da escrita.

Palavras-Chave: Alfabetização, Aprendizagem, Letramento

1 INTRODUÇÃO

A autora Magda Soares (2006) vem relatar que o letramento é a palavra mais recém-chegada ao vocabulário da educação e das ciências lingüísticas. O que explica o surgimento recente dessa palavra? Novas palavras são criadas, e velhas palavras dá-se um novo sentido. quando novo fato, ou nova idéia ou nova maneira de compreender a presença da escrita no mundo social trouxe a necessidade desta nova palavra letramento?

A palavra letramento ainda causa muita estranheza a muitos, outras palavras do campo semântico sempre foram familiares: Analfabetismo, Analfabeto, Alfabetizar, Alfabetização, Alfabetizado e mesmo letrado e iletrado. Analfabetismo: É o que não sabe ler e escrever ou seja é o que vive no estado ou condições de quem não sabe ler e escrever. Alfabetizar: Ação de ensinar a ler e também escrever.

Alfabetização e alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever já letrado, segundo o dicionário é aquele versado em letrar erudito e iletrado e aquele que não tem conhecimento literário e também o analfabeto ou quase analfabeto.

O verbete “letramento” caracteriza a palavra “ant.” isto é antiga que atribui o significado da escrita significados bem distantes que hoje se atribuiu a letramento que não aparece no Aurélio, como também nele não aparece o verbo “Letrar”.

O termo letramento com o sentido que hoje lhe damos onde fomos buscá-lo? Trata-se sem dúvida versão para o português da palavra da língua inglesa literacy. O estado ou a condição que adquiri um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita é significativo refletir sobre o fato de não ser de uso coerente a palavra alfabetismo estado ou qualidade de alfabetizado enquanto seu contrário analfabetismo estado ou condição de analfabeto é termo familiar e universal compreensão de nota negação da língua.

Já o alfabetizado nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e escrever não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sócias que as demandam.

A explicação não é fácil e ajuda a clarear o sentido de alfabetismo ou letramento. O analfabeto é aquele que não pode exercer em toda sua plenitude os seus direitos de cidadão e aquele que a sociedade marginaliza e aquele que não tem acesso aos bens culturais e sociais.

2 DEFINIÇÃO DE LETRAMENTO

Qualquer processo de avaliação ou mediação exige uma definição precisa do fenômeno a ser avaliado ou medido. Sem dúvida a maior parte das dúvidas ou controvérsias em torno de levantamentos e pesquisa sobre níveis de elemento tem sua origem na dificuldade.

Essa dificuldade e impossibilidade devem-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos habilidades, capacidades, valores, uso e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades, difíceis de serem contempladas em uma única definição.

Para estudar e interpretar o letramento (...), três tarefas são necessárias. A primeira é formular uma definição consistente que permita estabelecer comparações a longo do tempo e através do espaço.

As tentativas de definição de (Letramento) estão quase sempre baseadas em uma concepção de letramento como um atributo dos indivíduos, buscam descrever os constituintes do elemento em termos de habilidades individuais. Mas o fato mais evidente a respeito do letramento é que ele é um fenômeno social.

O letramento é um produto da transmissão cultural uma definição de letramento. Subjacentes a essas definições são as duas principais dimensões do letramento: a dimensão individual e a dimensão social. Quando o foco é posto na dimensão individual, o letramento é

visto como um atributo pessoal, parecendo referir-se, como afirma Wagner (1983) á “simples posse individual das tecnologias mentais complementares de ler e escrever”.

O autor “Paulo Freire” foi um dos primeiros educadores a realçar esse poder “revolucionário” do letramento, ao afirmar que ser Alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como o meio de tornar consciência da realidade e de transformá-la “Freire” consegue o papel do letramento como sendo ou de libertação do homem ou da sua “Domesticação”.

Nos países desenvolvidos, onde os sistemas escolares são rigorosamente organizados, o letramento escolar é, em geral definido por meio do estabelecimento de determinados padrões de progressos desejado em leitura e escrita, e os níveis alcançados pelos estudantes tendo como parâmetro esses padrões são considerados uma representação adequada de letramento.

Por outro lado, é como consequência do fato de o Analfabetismo resultar da falta de escolarização, o conceito de letramento nos países em desenvolvimento é bastante diferente do conceito de mais difundido nos países desenvolvidos: nesses ser ilustrado significa ter dificuldades para ler e escrever; naqueles, ser ilustrado significa ser incapaz de ler e escrever. Por essa razão, enquanto nos países desenvolvidos o letramento é o principal problema e não o não letramento.

O “Analfabetismo” como afirmam Kirsch e Jungeblut (1990), nos países em desenvolvimento, pelo contrário, o não letramento (O Analfabetismo) é o principal problema, não o letramento. Os padrões de letramento definidos pelas escolas viriam de acordo com status social ou econômico do aluno: os padrões são, quase sempre consideravelmente mais altos para os alunos das classes altas.

Torna-se letrado ou mesmo apenas alfabetizado numa escola de classe trabalhadora; de fato os alunos das classes trabalhadoras são subescolarizados e subletrados em comparação com os alunos das classes altas. Afirmar que um conceito único de letramento não é possível, tanto para a sociedade como um todo quanto em contextos escolares, não implica que esse conceito único não seja necessário; de fato, uma definição precisa é indispensável para

fundamentar programas de coleta de dados sobre o letramento, como no caso de censos demográficos nacionais.

Em levantamentos censitários, questões práticas exigem que o letramento seja tratado como uma variável discreta e não contínua. Como um dos propósitos dos censos demográficos é fornecer informação estatística sobre letramento e analfabetismo, os instrumentos de avaliação não podem deixar de determinar um ponto de cisão no contínuo do letramento que distinga pessoas alfabetizadas ou letradas de analfabetas ou iletradas, e não podem deixar de usar a enganosa dicotomia “Alfabetizado”, “Letrado”, versus “Analfabeto”, “Iletrado”.

Assim, a linha divisória escolhida para distinguir o “Alfabetizado”, o “Letrado” do “Analfabeto”, do “Iletrado” varia de sociedade para sociedade: pessoas pacificadas como alfabetizadas ou letradas em um determinado país não ou seriam em outro. Mais ainda: em um mundo país, os conceitos de alfabetizado e analfabeto, de letrado e iletrado variam ao longo do tempo: à medida que as condições sociais e econômicas mudam, também as expectativas em relação ao letramento mudam, e aqueles classificados como alfabetizados ou letrados em determinado momento podem não sê-lo em outro.

Entretanto, tanto a autoavaliação quanto informações sobre conclusões de série escolar são processos problemáticos para coleta de dados a respeito do letrado, como se discute a seguir:

A fim de evitar esse problema, na maioria dos países a pergunta do censo sobre o letramento é simplesmente se a pessoa sabe ler e escrever (“Você sabe ler e escrever?”), sem qualquer referência ao que a pessoa é capaz de ler e escrever ou à compreensão do que é lido ou escrito; o resultado é que o significado da resposta “Sim” ou Não” do informante é, na melhor das hipóteses, dúbio. Como observa o estudo técnico das nações unidas de 1989 sobre a avaliação do letramento.

Assim, pessoas analfabetas muitas vezes preferem esconder que não sabem ler e escrever, por vergonha de admitir, diante de um estranho, sobretudo alguém que vem como exercendo o papel de autoridade, que o consideram ser uma deficiência; ou, pelo contrário,

peessoas alfabetizadas ou letradas podem declarar não saber ler e escrever pelo temor de vir a serem submetidas a um teste ou alguma outra forma de mediação direta.

3 DEFINIÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO

Do total da população compreendida entre os 7 e 12 anos, em 1970, 20% encontravam-se fora do sistema educacional. De toda a população escolarizada apenas 53% chegam a 4 série o limiar mínimo indispensável para uma alfabetização definitiva- ou seja, a metade da população abandona sua educação, sem regressar à escola, ainda num momento muito elementar do ensino fundamental.

Dois terços do total de repetentes estão situados nos primeiros anos de escolaridade, e em torno de 60% dos alunos egressos da escola repetiram um ano ou mais vezes.

Este ato da Unesco parece-nos duplamente importante: primeiro, porque enfatizar o aumento do número de analfabetos no mundo é reconhecer (implicitamente) o fracasso (ou pelo menos o fracasso em termos de massa) das diversas campanhas de alfabetização realizadas em anos recente; segundo- e principalmente- porque é a primeira vez que um diretor geral da UNESCO faz uma comparação direta entre o custo de um avião de guerra com o custo de uma equipe de alfabetizadores, mostrando, assim (implicitamente), que a subsistência de analfabetos no mundo não é um problema financeiro.

Não podemos esquecer, porém, que a alfabetização tem duas faces: uma, relativa aos adultos, e a outra, relativa as crianças. Se em relação aos adultos trata-se de sanar uma carência, no caso das crianças trata-se de prevenir, de realizar o necessário para que essas crianças não se convertem em futuros analfabetos. Como membros das nações unidas- aceitaram a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

O Artigo 26 dessa declaração fala do direito à educação: “todo indivíduo tem direito à educação. A educação gratuita, ao menos que se refere ao ensino elementar e fundamental. O ensino elementar obrigatório”.

Para compreendemos a situação, é preciso analisar os fatores apontados como causas do fracasso. Menciona-se o absentéismo escolar. Em outros casos, a necessidade de serem úteis à família em tarefas produtivas determina a ausência ou o abandono. Trata-se, pois de condições sociais, e não de responsabilidade pessoais.

Fala-se também, da repetência como um dos maiores problemas da educação primária (fenômeno este que, conforme já foi visto, concentra-se nos primeiros anos). Alfabetizar um indivíduo, ensinar a ler e escrever, compreender códigos e símbolos; pesquisas, por exemplo, voltadas para o número de crianças que a escola consegue levar à aprendizagem da leitura e da escrita.

Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1983), o professor começou a repensar a sua prática cotidiana em sala de aula. Nos dias de hoje, sabemos que um indivíduo plenamente alfabetizado é “aquele capaz de atuar com êxito nas mais diversas situações de uso da língua escrita.

Dessa forma, não basta apenas ter o domínio do código alfabético, isto é, saber codificar e decodificar um texto: é necessário conhecer a diversidade de textos que percorrem a sociedade, suas funções e as ações necessárias para interpretá-los e produzi-los.

4 PORQUE ALFABETIZAR LETRANDO POR MEIO DE GÊNEROS

Alfabetizar e letrar são capacidades a serem desenvolvidas que visam o trabalho com a leitura e a escrita, presentes no dia a dia no contexto de nossas ações sociais. A primeira capacidade a ser analisada comporta três verbos que merecem ser destacados. Conhecer, utilizar e valorizar.

Quando os alunos são chamados a conhecer, mas também a ler, a produzir e a compreender os diversos gêneros textuais, oportuniza-se o convívio com esta cultura escrita e cria-se um espaço para que eles venham a ser usuários dela.

Na apropriação do sistema de escrita é importante usar o gênero presente no dia a dia da sala de aula, registro da rotina do dia para que os alunos possam refletir sobre algumas capacidades da escrita. É a relação que estabelece apresentação do resultado específico que produz; é deixar claro que gênero é o sentido que dá cada esfera de utilização da língua escrita, tipos relativamente estáveis de enunciados.

Há assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado atribuindo a essa palavra o sentido que tem literate em inglês).

Ou seja, a pessoa que aprende a ler e escrever – que se torna alfabetizada- e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita- que se torna letrada- é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e prática a leitura e a escrita.

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa ter uma outra condição social e cultural não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente.

A Comunicação consegue por meio de textos; deve-se proporcionar aos alunos a chance de produzir e compreender os textos de maneira apropriada a cada situação de comunicação. A melhor maneira é envolver os alunos em situação concreta do uso da língua, de maneira que consigam com criatividade escolher os meios adequados.

É imperativo que a escola tenha consciência de que é um espaço de comunicação. Assim, os gêneros textuais podem ser estudados como instrumentos imprescindíveis de socialização, aproveitados para compreender, expressar e interagir nas distintas formas de convívio social. A concepção de aprendizagem que, se sustenta vai conceder (ainda que não fosse essa a sua intenção), com as concepções sobre a aprendizagem sustentadas anteriormente por “Jean Piaget” (como veremos logo a seguir). Essa concepção de

aprendizagem da língua escrita como uma reaprendizagem da língua oral é ainda mais evidente quando pensamos em noções de tão importantes para o ensino tradicional como são de ‘falar bem’ e possuir uma ‘boa articulação’. Não faremos pouco problema de recorte da fala nos seus elementos menores (fonemas); porém, o apresentaremos de maneira diferente; não se trata de ensinar às crianças a fazer uma distinção, mas sem levá-las se conscientizarem de uma diferença que já sabiam fazer. A partir de (Chomsky,) tornou-se comum em psicolinguística, a distinção entre Competência e desempenho (em inglês, performance) nossa originalidade reside em sermos, provavelmente os primeiros a vincular essa perspectiva com o desenvolvimento cognitivo, tal como é visto na teoria da inteligência, de Piaget.

Letrar e alfabetizar, embora à primeira vista pareçam ter o mesmo significado, são termos que se aplicam a diferentes práticas. Letrar é transmitir as habilidades necessárias e o hábito de ler e escrever, enquanto alfabetizar refere-se ao aprendizado das técnicas para a compreensão da linguagem no que diz respeito a seus conteúdos gramaticais.

No processo de letramento é necessário que o indivíduo tenha contato constante com a leitura, o que pode ser feito por meio de jornais, revistas, livros, letras de músicas, quadrinhos e quaisquer outras fontes que permitam uma reflexão sobre o que foi lido. Durante a alfabetização são abordados conteúdos embasados na gramática e na ortografia, assim como sua relação com os sons da linguagem falada.

Desse modo, uma pessoa alfabetizada pode não ser letrada, pois não possui o hábito da leitura e, com isso, não consegue responder apropriadamente às necessidades sociais da escrita e da leitura. A autora Mary A. Kato (1986) alerta que: O letramento é um termo vocabulário usado pelos profissionais da área da educação, o surgimento desse vocabulário se deu a mais ou menos 20 anos, entre os linguistas da língua portuguesa começando a ser utilizado nos setores educacionais. A primeira vez que esse termo foi utilizado foi na obra “Uma perspectiva psicolinguística” despertando assim curiosidade de se buscar no dicionário o significado do termo letramento ou letrar.

Há a hipótese de que se torna letrado e também cognitivamente diferente a pessoa que passa a ter uma forma de pensar diferente, da forma de pensar de uma pessoa analfabeta ou iletrada.

À medida que o analfabetismo vai sendo superada significa que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e escrever e à medida que concomitantemente a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita cada vez mais grafocêntrica um novo fenômeno se evidencia. É transmitir as habilidades necessárias e o hábito de ler e escrever, enquanto alfabetizar refere-se ao aprendizado das técnicas para a compreensão da linguagem no que diz respeito aos seus conteúdos gramaticais.

A alfabetização e o letramento devem caminhar lado a lado durante o processo de aprendizagem, uma vez que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino da linguagem deve abordar três aspectos fundamentais: leitura, interpretação e escrita. É importante alfabetizar letrando para que a criança seja inserida no contexto cultural da sociedade, que está fundamentalmente relacionado à leitura.

Durante o processo de ensino/aprendizagem o papel dos educadores é essencial, pois eles irão atuar como agentes facilitadores ao incentivar e guiar a criança ao longo de sua vida escolar. Para a autora Emília Ferreiro (1999), a alfabetização e o seu processo de alfabetização trouxeram uma grande revolução, na questão do projeto da leitura e da escrita.

E diz que a questão do fracasso escolar, na aprendizagem é o seu papel observador. Por essa razão que estamos que em lugar de "Males endêmicos" deveria se falar em seleção social do sistema educativo, em lugar de chamar "deserção" ao abandono da escola teríamos de chamá-lo de expulsão encoberto. A partir do ponto de vista dos docentes, ou melhor dizendo da, pedagogia que sustenta a ação educativa, tentou-se dar respostas que tendessem à solução do mencionado problema.

Conforme a perspectiva, o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de métodos posteriormente, sobre a influência da linguística, desenvolve-se o método fonético, propondo que parta oral. No que se segue, referindo-se nos

fundamentalmente ao método fonético posto, que o alfabeto já caiu em desuso. Como a ênfase está posta na análise auditiva para se superar os sons e estabelecer as correspondências grafema e fonema (isto é letras sem) instituem-se duas questões como prévias.

- Pronúncia seja correta para evitar confusões entre os fonemas.
- Grafias de forma semelhante sejam apresentadas separadamente, para evitar confusões, visuais entre a grafia.

O método de ensinar um par de fonemas ou grafemas, associação não esteja bem fixada, aprendizagem em primeiro lugar a mecânica da leitura (decifrado do texto) posteriormente, dará lugar a leitura "inteligente" compreensão do texto lido, combinando com uma leitura expressiva, na qual se junta a entonação. Estes princípios não são expostos somente como posturas metodológicas, mas correspondem também as concepções psicológicas precisa.

Com efeito, ao enfatizar discriminações auditivas e visuais e a correspondência fonema e grafema. O processo de aprendizagem de leitura é visto simplesmente como uma associação entre respostas sonoras a estímulos gráficos. A assimilação entre a concepção sobre a natureza do objeto a adquirir código alfabético- e às hipóteses acerca do processo tem levado a confundir os métodos de ensino com processos de aprendizagem. A ênfase dada às habilidades perspectivas, descuida de aspectos que, para nós são fundamentais:

- A) competência linguística da criança
- B) suas capacidades cognitivas.

De fato, acontece neste campo, uma verdadeira revolução, até então dominado pelas concepções condutista, posteriormente, o ponto crítico no qual os modelos associacionistas fracassam é este. Como dar conta da aquisição regras sintáticas? Hoje em dia, estão demonstrando que nem a imitação nem reforço seletivo - os dois elementos centrais da aprendizagem associativa - podem explicar a aquisição das regras sintáticas.

Dessa maneira o modelo tradicional associacionista da aquisição da linguagem é simples: existe na criança uma tendência a imitação (tendência que as diferentes posições associacionistas justificarão de maneira variada). A gramática generativa proposta por esse autor dá um lugar central privilegiado ao componente sintático e os psicólogos, tomaram esse modo como ponto de partida, tratando de provocar sua "realidade psicológica".

CONCLUSÃO

Conclui-se que nessa perspectiva a Alfabetização é um processo complexo e que não tem idade para acontecer, sobretudo se entendermos que a alfabetização não se dá simplesmente pelo treino das habilidades de decodificação e codificação, considera a escrita e a leitura como instrumento cultural complexo interligado as diversas experiências sociais e culturais que leva ao mundo infantil.

O desenvolvimento de tais atividades esclarece as crianças a importância e o funcionamento da escrita na sociedade; a desenvolver capacidades necessárias a sua apropriação isso motiva a querer conhecer mais e aprender a ler e escrever de maneira prazerosa e satisfatória.

A leitura e a escrita fazem parte do ser humano a linguagem desenvolvida é importante; correlacionada às outras linguagens tomemos a oralidade como exemplo, ela envolve as pessoas e sendo compreendida em uma comunicação que pode provocar o processo de alfabetização, a escrita é uma representação da fala que por sua vez representa a realidade.

Assim as formas tradicionais de alfabetização inicial consistem num método no qual o professor transmite seus conhecimentos aos seus alunos; é muito essencial que este tema o processo de alfabetizar esteja nas reflexões sobre as práticas pedagógicas para um campo aberto de ensino que seja fundamental no ciclo escolar e na sociedade uma concepção oficial para as transformações e relações das nossas vidas sociais e culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da língua escrita**/ Emilia Ferreiro, Ana Teberosky; Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Magda Soares. 2.ed., 11. Reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TEBEROSKY, Emilia Ferreiro. Alfabetizar letrando. **Planeta educação**. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1084> Publicado em: 8 de fevereiro de 2008

KATO, Mary A. Uma perspectiva psicolinguística. **Web artigos**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/alfabetizacao-e-letramento/100026/> Publicado em 21 de novembro de 2012